

Região de madeiras e de pântanos, a Sologne sempre foi pobre sob o ponto de vista agrícola; todavia, foi ela mais povoada e melhor cultivada na Idade Média do que nas épocas de decadência que se seguiram. Esse equilíbrio e essa prosperidade relativa foram gravemente atingidos pelos desastres da Guerra dos Cem Anos, e, no fim do XV século a região não mais se ergueu de suas ruínas.

As relações das propriedades e cadastros dos XIV e XV séculos nos permitem traçar um quadro dos recursos da Sologne e de suas condições de exploração. A terra estava então sobretudo nas mãos dos senhores laicos que tiravam partido da situação, segundo os processos de arrendamento de uso corrente nessa época.

Mas as circunstâncias econômicas, criadas pela guerra, trouxeram subversões sociais e vemos numerosos representantes da feudalidade local serem obrigados a vender os seus feudos a burgueses enriquecidos e recentemente enobrecidos; essas mesmas circunstâncias favoreceram a emancipação dos servos, ainda numerosos na Sologne em pleno século XV e cuja presença, nessa época, testemunha o atraso da região.

E. S. P.

*

DA CANAL (Cristoforo). — La marine venitienne avant Lepante.
Paris. S.E.V.P.E.N. Coleção "Bibliothèque générale".
École Pratique des Hautes Études. VIe Section. Centre de Recherches Historiques.

No drama surpreendente, ainda incompletamente explorado, dos primeiros decênios do XVI século veneziano, o período que vai de Prevesa a Lepanto assume um aspecto original e uma autonomia indiscutível. E', na aparência, um momento de repouso na longa existência do Estado lagunar. Mas já, nesse meado do XVI século, as estruturas da República oscilam lentamente, silenciosamente, e se instalam em novas articulações. Grandes linhas políticas, sociais, econômicas, religiosas se esboçam, que serão as dos últimos séculos da história veneziana. Numa França em transformação, Veneza não se renova, mas encontrará a tempo um equilíbrio que se manterá por mais de duzentos anos.

Antes de Lepanto, ninguém em Veneza teve uma consciência nítida dessa evolução. O patriciado opôs uma resistência cega e maciça às tentativas de revisão radical; essa classe sentia instintivamente que tôda mudança poria em jôgo a sua fortuna adquirida com tanto esforço. Ela se recusou, pois, em pensar em têrmos de Estado e assim como de cidade, obstinando-se na crença duma Veneza eterna. Cristoforo Da Canal é uma incarnação exemplar, ao mesmo tempo das melhores energias e dos limites do patriciado da Sereníssima, símbolo da modernização da marinha veneziana, campeão de seu aperfeiçoamento e também o primeiro crítico de suas insuficiências e de suas fraquezas. A luta entre o patrício e as forças da inércia que entravam a modernização, esse contraste con-

tínuo entre as exigências das quais êle se fazia o intérprete e a sociedade que não as compreendia e não as partilhava estão sempre presentes neste estudo. Ao mesmo tempo que a obra de Cristoforo Da Canal apresenta uma vista de conjunto sobre a transformação da frota veneziana nos meados do século XVI dá uma vista sobre a crise das estruturas marítimas, administrativas, mentais e mesmo sociais da Sereníssima dessa época.

E. S. P.

*

MARCIANI (Corrado). — *Lettres de change aux foires de Lanciano au XVI^e siècle*, avec Introduction, un Tableau, Index géographique, Index onomastique. Paris. 1962. S.E.V.P.E.N. École Pratique des Hautes Études (VI^e Section). Centre de Recherches Historiques. Collection "Affaires et gens d'affaires". 196 pp.

Esses documentos, constantes de um importante maço de letras de câmbio usadas no XVI século nas feiras de Lanciano, rompem o silêncio quase que total em que estavam mergulhadas as feiras italianas. Proporcionam aos estudos históricos um local até hoje praticamente ignorado, mercado e ponto de encontro na rede das rotas marítimas e terrestres que confluíam para o Mediterrâneo. Eles projetam também uma grande luz sobre a história econômica do Sul da Itália. O Autor, que pôs em evidência a pouco tempo diversos aspectos das feiras de Lanciano, nos introduz agora entre os mercadores e mercadores-banqueiros do XVI século que, vindos dos maiores centros da Península, encontravam-se duas vezes por ano nas feiras do pequeno centro dos Abruzos. Encontramos aqui, pessoalmente ou representados, os genoveses Centurione, Gentile, Composta, Vollaro, Corcione, Mari, Pinelli, Spinola, Lercaro; os florentinos Adimari, Bandini, Bardi, Biffoli, Vecchietti, Salutati, Santa-croce, Spinelli, Strozzi, Tornacuinci; os napolitanos Caputo, Casola, Citarella, Sant'Elia, Talamo, Turbolo; os lombardos Cusano, Lucatelli, Marcone, Marchesi, Olgati; os venezianos Rubino, Ribera, Gieza, dall'Oglio, Lolmo, Tasca, Cristel e Pener, Robazza; enfim, inevitavelmente, os judeus. São quase todos mercadores-banqueiros que por sua presença dão às feiras de Lanciano um caráter misto de praça de câmbio e de tráfico de mercadorias.

Esses textos não só nos informam sobre o caráter das feiras de Lanciano, como também nos dão uma idéia clara da organização comercial nessa época, em que se desenvolvia uma rede de centros mercadores numa extremidade à outra da Península, ao longo da costa ocidental do Adriático, para se concentrar em Salerno, na costa tirrenica.

A documentação reunida nesse volume confirma, enfim, tudo aquilo que se sabe sobre o importante instrumento da vida comercial que é a letra de câmbio. Ela oferece ainda aos economistas novos elementos de estudo, aos especialistas em história econômica um